

PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DO CAIXEIRO VIAJANTE NO MUNICÍPIO DE PARNAÍBA EM MEADOS DE SÉCULO XIX E PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Antônio Lopes Vieira Filho¹
Ellen Lucy Moreira Viana

O referido artigo tem como objetivo analisar as contribuições acerca das práticas atribuídas à atividade caixeiral no municípios de Parnaíba para o progresso econômico, político e social; identificando sua origem e identidades ostentadas pelo caixeiro como profissional do comércio ao longo do período estudado; a relação que existia entre caixeiros e comerciantes e como eram vistos pela sociedade; quais os recursos e meios de transporte que utilizavam em suas jornadas diárias no exercício de sua profissão e historicizar com o auxílio de fontes orais, escritas e iconográficas a identidade e a memória desse profissional do comércio.

O tema aqui abordado faz parte de minha pesquisa científica dentro do Programa de Pós-Graduação em História – PPGHIST da Universidade Estadual do Maranhão, Campus São Luís, constituindo no futuro minha dissertação de mestrado do referido programa, a qual está vinculada à linha de pesquisa Memórias, Identidades e Cultura Escolar. Portanto o assunto mencionado neste artigo encontra-se atualmente em estágio de pesquisa, não dispondo ainda de uma resposta para as hipóteses aqui apontadas.

Durante a primeira metade do século XIX, os caixeiros foram considerados uma importante mão de obra para o comércio de cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. A maioria, vindos de Portugal entre os 10 e os 16 anos de idade, deixava seus familiares em sua terra natal para aventurarem uma vida melhor no novo continente. Ao deixarem Portugal rumo ao Brasil, os jovens lusitanos já tinham um emprego assegurado, seu destino seria aprender o ofício de caixeiro, uma vez que suas viagens eram arranjadas entre seus genitores e os comerciantes portugueses já fixados aqui.

Segundo Lenira Martinho Meneses em sua obra *Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência*:

[...] este menor colocado no seio da família do comerciante foi paulatinamente moldado segundo as regras de conduta do patrão, e preparado para a carreira

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em História/PPGHIST –UEMA São Luís –MA/ linha de pesquisa Memórias, Identidades e Cultura Escolar.

mercantil, num contexto onde o ambiente familiar que o envolve obscurece totalmente a exploração de que é vítima (MARTINHO, 1993, p. 48).

Na realidade os menores acima mencionados, outrora recrutados em Portugal deveriam trabalhar tão somente pela moradia e alimentação, mais ou menos num período de três anos até que adquirissem conhecimento e traquejo. Ainda de acordo com a referida autora, esses caixeiros ao desembarcarem nos portos do Brasil, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, na época capital sede da Corte real portuguesa; como os mesmos não tinham nenhum parente que os acolhesse, sujeitavam-se a morar no próprio local de trabalho, chegando a dormir por trás de balcões e/ou por cima das mercadorias em espaços pequenos sem o menor conforto.

Mas apesar da vida que levavam, trabalhando o dia inteiro sem descanso ou hora pra parar, esses pequenos caixeiros mantinham uma relação patriarcal com seus patrões, pois os mesmos guardavam consigo a esperança de no futuro tornarem-se de fato um membro da família, quiçá sócio do patrão, casando-se com a filha do mesmo ou quem sabe até com a viúva em caso de falecimento do comerciante.

Dentre os principais motivos que fizeram com que esses jovens adolescentes viessem para o Brasil, além da crise financeira que assolava seu país, era para fugirem do terror atribuído ao alistamento militar, considerado pelos pais dos mesmos como um atraso no futuro profissional do filho homem, além é claro da oportunidade de enriquecerem trabalhando como caixeiro nos grandes comércios existentes nas principais cidades brasileiras.

Por outro lado, a gravíssima crise econômica e financeira que Portugal conheceu após o fim da guerra civil, ou seja, entre 1834-1836, a instabilidade política, as revoltas militares e o cíclico recrutamento de jovens para o exército, também contribuíram para a sua saída para o Brasil (mesmo das crianças com idades inferiores aos 14 anos), onde sempre existiam parentes e amigos para os acolher, num processo de continuidade de relações sociais e cumplicidades que vinham já do período colonial e que a independência do Brasil, neste particular, de modo algum extinguiu (SOUSA, 2009, p. 21).

O pressuposto para a compreensão das práticas e representações do caixeiro viajante é pautada no estudo de algumas pesquisas ligadas ao cinema, literatura, contos, novelas, romances e também nas práticas diárias desses atores sociais no exercício de sua profissão, haja vista que no Brasil e no exterior o caixeiro já foi personagem principal.

Para realizarmos o estudo do referido objeto de pesquisa partiremos do recorte temporal entre as décadas de 1930 a 1960 que se justifica em razão da fundação da Escola Técnica União Caixeiral, criada por caixeiros viajantes na cidade de Parnaíba-PI na segunda

década do século XX com o objetivo de preparar mão de obra para o comércio local, pois a referida cidade vivia na época um intenso desenvolvimento por ser considerado, devido ao seu porto marítimo, o polo de negócios piauienses, onde eram feitas exportações para o centro sul do país bem como para o exterior. Porém, foi durante toda a década de 30, que a referida escola desempenhou seu papel quanto à formação desse profissional, de grande valia nos estabelecimentos comerciais e de respaldo junto à sociedade parnaibana.

Durante o século XX o porto das barcas foi de suma importância para o embarque e desembarque de produtos originários do comércio e da indústria. Localizado na cidade de Parnaíba, foi um dos principais cenários desse ator chamado caixeiro que juntamente com os comerciantes parnaibanos foram importantíssimos no desenvolvimento dos negócios no estado. Nesse período as empresas localizadas na cidade de Parnaíba tiveram um significativo crescimento impulsionado pelo extrativismo vegetal e animal.

O caixeiro viajante tinha dentre outras atribuições a de sair oferecendo mercadorias nas cidades ribeirinhas ao longo do curso do rio Parnaíba. Responsável pelas negociações, o caixeiro chegava a usar a mercadoria como moeda trocando por outros produtos ou mesmo por matéria prima como: carnaúba, bucho de peixe, pena de ema, óleo de pequi, etc. Às vezes durante suas viagens chegava a utilizar o telegrafo para fazer seus pedidos junto à empresa fornecedora para agilizar a entrega da mesma. Posteriormente podemos perceber que com a chegada do trem na região, passou-se então a utilizar outra via paralela ao rio, aumentando conseqüentemente o número de comunidades visitadas, objetivando sempre a busca pelo progresso econômico.

Mas ao realizarmos um estudo bibliográfico mais aprofundado sobre o tema podemos perceber que ao trabalharmos as trajetórias profissionais dos caixeiros devemos considerar tal profissão como um dos prováveis pontos entre o global e o local. É preciso ainda analisar estas bibliografias em conjunto como posição e disposição num cenário mais amplo, em vista de priorizar os sentidos presentes nas práticas dos caixeiros, pois estas práticas gerariam uma dissolução de fronteiras espaciais, dentro do que se chama fluxo de serviços e mercadorias.

Os caixeiros atendem demandas de caráter local como forma última da extensão de uma cadeia de trocas e vivências. Sendo o recorte de análise pautado pela categoria de profissão, é necessário dispor o sentido dessa trajetória profissional. Escrever biografia não é tarefa das mais fáceis, pois cada sujeito possui suas subjetividades e identidade. A esse respeito, HALL (1992) relata:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 1992, p. 13).

Também é preciso, ao trabalhar com a história de vida dos sujeitos, contada por eles mesmos, uma análise dos conteúdos das narrativas, usando, por exemplo, a metodologia da Análise de Discurso, que permite observar os processos pelos quais os indivíduos constroem suas identidades. Portanto é preciso historicizar: *como se processou a constituição do comércio realizado pelos caixeiros viajantes em meados do século passado? Sobre caixeiros viajantes, quais foram as estratégias, táticas e práticas de gestão desenvolvidas por eles na efetivação do comércio varejista? Quais foram os papéis sociais desses sujeitos no Piauí? Quais práticas os caracterizavam enquanto comerciantes?*

Para desenvolver este trabalho acerca da história do caixeiro como ser comerciante e as suas contribuições com o progresso político, econômico e social do estado do Piauí dentro do recorte espacial e temporal que me propus, utilizarei a história oral através das entrevistas que serão coletadas no decorrer da pesquisa, bem como farei uso da história escrita desses atores em obras literárias, livros, artigos científicos, teses e dissertações em Letras, História e Filosofia que discorrem sobre quem foram e o que fizeram os caixeiros dentro do contexto historiográfico outrora estudado.

Buscarei também ilustrar o referido profissional através de fontes iconográficas através de imagens ilustrativas da imponência peculiar à figura do caixeiro e sua jornada diária de trabalho, destacando seus produtos e a forma como os conduziam, além do meio de transporte que utilizavam no exercício de sua profissão; pois de acordo com Le Goff:

Dar-se-á certa valorização às fotografias, pois há um grande acervo a ser explorado. Na atualidade “a fotografia revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 2003, p. 460).

Crê-se que os lugares de memória os quais incluem as cidades, as pessoas visitadas, os objetos de uso pessoal, as vestimentas utilizadas pelo caixeiro, poderão contribuir com esta pesquisa científica visto que é através do contado direto com esse “universo” ao qual estava inserida a função de caixeiro é que farão com que as lembranças fluam, pois para que haja a oralidade faz-se necessário que o entrevistado faça uma viagem nesse mundo da memória e consiga resgatar informações verossímil que atenda as expectativas do historiador e/ou entrevistador de maneira satisfatória.

Referencial teórico

Dentre os teóricos que serão abordados no decorrer deste trabalho científico dentro daquilo que me proponho estudar acerca do caixeiro no referido recorte temporal e espacial, está Stuart Hall que vai abordar principalmente as definições de identidade/sujeito e as mudanças que ocorreram nessas definições ao longo da chamada modernidade tardia. Em sua obra “*A identidade cultural na Pós-modernidade*” distribuída em seis capítulos, o autor nos faz entender através da sua visão que os deslocamentos que ocorreram na definição de sujeito e identidade fazem com que entendamos a tão falada crise de identidade na Pós-modernidade. Segundo HALL (1992), “passamos de sujeitos centrados e unificados a sujeitos descentrados e contraditórios; fala também que a globalização exerce grande influência na formação das referidas identidades culturais”. Ainda segundo o autor, em oposição à aceitação geral provocada pela globalização em detrimento da troca do local pelo global, podemos perceber que o global tira proveito do local e até provoca um maior interesse pelo mesmo.

Abordaremos também a análise do discurso no que tange as práticas diárias do caixeiro para a realização de atividades no exercício da sua profissão seja como uma ferramenta de trabalho ou simplesmente como alternativa para comunicar-se com as demais pessoas que fazem parte de seu convívio social e/ou profissional. Para tanto utilizaremos Orlandi (1999) que em seu livro “*Análise do Discurso princípios e procedimentos*” a qual utiliza como subsídio vários outros renomados autores especialistas no tema dentre eles Michel Foucault e “*A Ordem do Discurso*” de 1971.

Através do uso da linguagem, o homem modifica a realidade em que está inserido e a ele mesmo. O homem edifica a existência humana, ou seja, atribui-lhe sentido. Portanto é essa capacidade do homem de atribuir, incessantemente, sentidos que promove seu constante devir, e o das coisas, que interessa à análise do discurso. Na análise do discurso o que importa é o homem e a língua em suas concretudes, não enquanto regras abstratas. Ou seja, avalia os métodos e as condições por meio dos quais se produz a linguagem. Desta forma, coloca o homem e a linguagem à sua exterioridade, à sua historicidade.

Para visualizar o homem e seu discurso como influenciador/influenciado por sua história, este campo teórico articula conhecimentos dos campos das Ciências Sociais e do domínio da Linguística, buscando transcendê-los e deslocá-los de seus lugares de saber, forçando-os a refletir sobre “[...] o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem” (ORLANDI, 1999, p. 16).

Roger Chartier também me dará significativa contribuição acerca das práticas e representações as quais de certa forma poderão ser atreladas ao cotidiano do caixeiro diante da sociedade em que o mesmo esteve inserido dentro do contexto histórico que pretendemos discorrer. Em sua obra “*A História Cultural entre Práticas e Representações*” lançado em 1990, Chartier corrobora que, durante os anos de 1950 e 60, os historiadores buscavam uma forma de saber controlado, amparado sobre técnicas de investigação, de medidas estatísticas, conceitos teóricos dentre outros. Esses historiadores esperavam que o saber próprio à história devesse ser adicionado à narrativa, por compreenderem que o mundo da narrativa era o mundo da ficção, do imaginário, da fábula.

Não obstante a tendência dominada pela historiografia nos dias atuais, propõe uma nova forma de questionar a realidade, toma como base temas do domínio da cultura e salienta o papel das representações. Portanto o trabalho de Roger Chartier me dará condições para que eu possa estabelecer uma nova atitude nos estudos da História Cultural perante os métodos, das fontes e dos temas pesquisados, procurando igualmente, nas diversas divisões especializadas da História um diálogo mais produtivo com a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia e a teoria literária.

Como o referido objeto de estudo está intimamente ligado a história, memória e esquecimento, não poderia deixar de dialogar com teóricos como: *Jacques Le Goff* com sua memória e história; *Maurice Halbwachs* e a memória coletiva; *Pierre Nora* com os lugares de memória e por fim *Michael Pollak* que discutirá memória coletiva e individual. *Halbwachs*, outro teórico que utilizararei como fonte traz que as memórias não estão consolidadas nos corpos ou mentes, mas na sociedade circundante, por meio dos diversos grupos que as compõem. E isso se dá na medida em que, para lembrar, a pessoa precisa valer-se de combinações sociais que não são criadas por eles – afinal,

O funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente – e também de outras pessoas que possam legitimar suas próprias recordações – para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Em sua obra sobre os lugares de memória, *Pierre Nora* (1996, p. 8) nos chama a atenção para uma particularidade que marca as sociedades que conhecem padrões de mudanças rápidas: “o medo de que tudo está no prenúncio de desaparecer acompanhada com

a ansiedade sobre o significado preciso do presente e a incerteza sobre o futuro, investe até a mais humilde testemunha, o mais modesto vestígio, com a dignidade de ser potencialmente memorável”. Desta forma, “a resultante obrigação de lembrar faz de todo homem o seu próprio historiador” (NORA, 1996, p. 10). Em linhas gerais,

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9).

Michael Pollak em seu texto *Memória, esquecimento, silêncio*, salienta a importância dos ditos e dos não ditos para a construção de uma memória, seja ela coletiva ou individual. Também destaca a importância de rastros significativos que uma pessoa, um grupo ou uma pátria vai deixando em suas experiências de vida e que se tornam pontos de referência para qualquer estudo histórico. Principalmente quando os rastros, muitas vezes esquecidos ou ignorados, revelam interpretações distintas da oficial ou mesmo da que se acostuma ouvir.

Por fim não poderia deixar de utilizar a história oral considerada como um dos principais métodos de pesquisa no campo da historiografia, uma vez que o historiador se utiliza dos mais variados tipos de fontes em sua pesquisa científica, seja ela escrita ou oral. As entrevistas realizadas acerca do objeto de estudo dão subsídio ao pesquisador através de uma gama de informações as quais poderão ser de suma importância para a compreensão do assunto em questão. Segundo Thompson:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

A razão que me motivou pela escolha do referido objeto de pesquisa foi com o desígnio de trazer à tona a importância desse profissional para o desenvolvimento do comércio a nível de Piauí e de Brasil desde o período colonial até meados do século XX. Seja pelos serviços prestados aos comerciantes portugueses que outrora lhe deram abrigo ao emigrarem para o nosso país, trazendo em sua bagagem principalmente o sonho de enriquecer e poder um dia retornar a sua terra natal, seja pela sua contribuição aos movimentos políticos, econômicos e sociais por eles impetrados durante principalmente a primeira metade do século

XIX que foi a luta pelos seus direitos dentre eles ao fechamento das portas dos comércios aos domingos e feriados.

Salientar que os atores sociais que praticavam o ofício de caixeiro em meados do século passado dispunham de um verdadeiro arsenal de práticas ricas que se referiam não só à atividade econômica, mas também ao ser comerciante; ao mesmo tempo destacar que esses comerciantes representaram um importante papel na história social do estado; conscientizando a sociedade contemporânea que os saberes advindos de suas práticas foram apropriados, ao passo que o papel que eles desempenhavam jamais poderá ser esquecido.

Não podemos também deixar de louvar a iniciativa dos caixeiros associados pela criação de escolas destinadas ao ensino voltado à mão de obra para o comércio não só na cidade de Parnaíba-PI, mas em várias outras cidades espalhadas pelo Brasil; criaram também cooperativas e/ou associações da classe caixeiral além de periódicos e folhetins com o objetivo de assegurarem seus direitos como profissionais do comércio e proporcionar ajuda mútua aos seus associados e familiares sempre que necessitassem.

Cabe ressaltar o espírito aventureiro sempre peculiar a figura do caixeiro, superando os mais inusitados obstáculos sempre em busca da satisfação dos seus clientes e do progresso econômico. Chegando por terra em lombos de mulas ou por rio em embarcações a vapor ou navio a lugares longínquos vendendo seus produtos e levando informações dos grandes centros onde quer que vá, mantendo capital e interior “anteados” um ao outro. Hoje, as dificuldades do caixeiro são para se manter no mercado de trabalho, pois as facilidades estão por todos os lugares, o progresso aos poucos vai chegando onde antes somente ele com sua astúcia se atrevia chegar.

Portanto este artigo objetiva principalmente “resgatar” esta história a qual o caixeiro é o personagem principal e junto com ela os saberes e práticas do referido sujeito como forma não só respeitosa a esses atores sociais, mas que possa também contribuir para que a sua identidade e memória não se percam no tempo.

A economia parnaibana nas primeiras décadas do século XX

Desde meados do século XVII até as primeiras décadas do século XIX, que a pecuária extensiva constituía-se como a base da economia da então província do Piauí, o gado era criado nas fazendas sertão a fora e aliado à pecuária existia inexpressiva agricultura de subsistência. O gado e o couro, naquela época, eram comercializados principalmente com o

estado da Bahia, paralelo a isso, as atividades industriais restringiam-se apenas à curtição (ressecamento) das peles bem como de uma rudimentar e/ou quase que artesanal fabricação de grosseiros tecidos com o uso do algodão. Essas respectivas fazendas, constituíam basicamente o único recurso que dispunham para a geração econômica, sendo o couro (pele) uma das matérias primas aos quais era utilizada na confecção de inúmeros acessórios grosseiros no dia a dia das comunidades.

Os produtos industrializados eram escassos, a aquisição de produtos oriundos de outras praças era extremamente limitada, vinham de fora apenas os respectivos produtos os quais eram inviáveis de serem produzidos no interior das referidas famílias. A concentração de renda se dava a uma pequena minoria de família mais abastadas, ficando, portanto, a grande maioria da população sem um real poder de compra. O comércio desenvolveu-se no Delta do Rio Parnaíba desde o século XVI após concessão por parte do papa para as explorações além-mar, privilegiando portugueses e espanhóis com a referida medida. Além destes, piratas franceses e ingleses também aventuraram-se em mar aberto na esperança de encontrarem mercadorias de grande valor, entre elas podemos destacar o nosso pau – brasil.

O início das atividades comerciais baseada na criação de gado no interior da província, teria se dado por meio do Rio Parnaíba chegando até o entreposto localizado no Porto das Barcas entre o Delta do Parnaíba e o Oceano Atlântico; naquela época já era possível encontrarmos as charqueadas, curtumes e o então comércio de sal. No entanto, a relativa importância da economia no litoral piauiense consolidou-se tardiamente devido ao predomínio da pecuária, limitada apenas a um porto de exportação, localizado na cidade de Parnaíba.

O litoral do Piauí configurava-se de maneira que facilitava a navegabilidade de antigos navios à vela (sumacas) que conseguiam chegar até o Porto das Barcas navegando pelo Rio Parnaíba e de lá conduziam até os navios de grande porte atracados no porto Marítimo. Devido a essa facilidade, a então Vila de São José da Parnaíba ascendia economicamente enquanto o restante da província permanecia num total atraso. Sua posição privilegiada, geograficamente falando, atrelada à sua ligação com o Delta do Parnaíba, principal via de escoamento de produtos vindos do interior da província, teriam sido importantes fatores para esse crescente desenvolvimento econômico da atual Parnaíba.

A distribuição do gado viabilizada pela navegação fluvial contribuía também para o crescimento da produção de gêneros de primeira necessidade (alimentícios) bem como da confecção de artigos oriundos do algodão o que facilitava a expansão da atividade comercial.

Ainda nesse período, as trocas intensificaram-se significativamente, prova disso foi o desenvolvimento acentuado de Parnaíba mencionada acima. O contingente populacional da cidade aumentou rapidamente devido à presença das charqueadas, haja vista que o crescente desenvolvimento do comércio aliado à exportação de peles (couro) contribuíram, sobremaneira, para atrair novos habitantes para a região litorânea. Durante o século XIX, houve um incremento dos negócios no Porto das Barcas; os negociantes passaram a exportar vários tipos de produtos (couro em cabelos, atanados e sola, couros, etc.) para outros portos.

Há registros que a província do Piauí teria cultivado naquela época produtos como: arroz, milho, mandioca, fumo, cana, porém a referida produção era insuficiente para o consumo das comunidades locais. Portanto o produto de maior destaque na exportação da província foi o algodão, seguido do fumo e da aguardente, ambos em menor número e esporadicamente.

Escola no Piauí prepara Caixeiros para o mercado de trabalho

Na segunda década do século XX na cidade de Parnaíba foi fundada a Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, uma instituição vinculada às atividades comerciais dos caixeiros viajantes, a referida escola contava com laboratórios para as aulas das disciplinas de física, química e ciências, um número considerável de livros em sua biblioteca além de máquinas de escrever, calcular, entre outros materiais de uso didático que viabilizasse um bom desempenho do processo de ensino-aprendizagem.

A escola da União Caixeiral tinha como principal objetivo a preparação/formação de profissionais para atuarem na área comercial. Os estudantes da União Caixeiral, eram advindos de todas as classes sociais, onde os mesmos já faziam parte ou almejavam o propósito profissional na área de atividades comerciais, em virtude da necessidade das empresas de mão-de-obra especializada, que formasse e desse condições de desempenhar funções antes não tão operacionalizadas, levando-se em conta uma formação mais adequada ao comércio. De acordo com Duarte (2009):

Estudar na União Caixeiral passou a representar a ostentação de uma condição de reconhecimento, tanto intelectual como financeiro, o que despertou nos cidadãos o desejo de fazer parte da plêiade dos ascendentes caixeiros, construindo então na mentalidade do parnaibano uma identidade de ligação entre a União Caixeiral e o progresso na vida pessoal e profissional (DUARTE, 2009, p. 15).

A criação da Escola Técnica de Comércio União Caixeiral, foi uma iniciativa de tamanha capacidade que permitiu aos jovens parnaibano o acesso em certas posições de destaque na sociedade e no comércio da época, que ascendia rapidamente. O comércio passou a ter um papel importante nesse processo, pois estimulava e dava suporte ao progresso em vias de afirmação na cidade. A escola da União Caixeiral era um referencial na preparação de profissionais para operarem na área comercial.

A referida escola teve sua fundação no dia 28 de abril de 1918, época de grande desenvolvimento da cidade de Parnaíba, a União Caixeiral simbolizava um verdadeiro polo de negócios no estado. A proposta dos seus idealizadores constituiu-se numa maneira de ampará-los, formando mão de obra específica para a área comercial, consolidando a categoria diante do progresso econômico registrado em Parnaíba naquele contexto histórico.

Após o encerramento de suas atividades educacionais, tanto a instituição propriamente dita bem como todo o seu acervo cultural foi disperso. Hoje considerada um lugar de memória, a referida escola corre o risco de perder as suas formações identitárias. Como uma trajetória de 88 anos de atividades ligadas à educação, guarda em seu interior, um valiosíssimo acervo de objetos ligados à memória em um lugar de memória disponível para a pesquisa acadêmica de forma que posso contribuir com o entendimento de questões que incluem a escola no universo educacional parnaibano bem como a influência das classes mais abastadas no desenvolvimento econômico do estado do Piauí.

Os direitos adquiridos no exercício da profissão

Sancionada pelo o então presidente da república Juscelino Kubitschek, a lei nº 3.207, de 18 de julho de 1957 regulamenta as atividades dos empregados vendedores, viajantes ou praticistas. A referida lei mencionava vantagens acerca da profissão como, comissão, limite de dias estabelecidos para viagens, manutenção de despesas por conta do empregador, etc. Segue abaixo dois dos seus principais artigos.

Art 1º As atividades dos empregados vendedores, viajantes ou praticistas serão reguladas pelos preceitos desta lei, sem prejuízo das normas estabelecidas na Consolidação das Leis do Trabalho - Decreto-lei número 5.452, de 1 de maio de 1943 - no que lhes for aplicável.

Art 2º O empregado vendedor terá direito à comissão avençada sobre as vendas que realizar. No caso de lhe ter sido reservada expressamente, com exclusividade, uma zona de

trabalho, terá esse direito sobre as vendas ali realizadas diretamente pela empresa ou por um preposto desta.

Além da profissão de caixeiro ter os seus direitos assegurados pela lei como foi acima colocado, a referida profissão, assim como inúmeras outras têm o seu dia no calendário, os caixeiros viajantes também ganharam o seu, de acordo com pesquisas realizadas, no dia 1º de setembro é comemorado o dia do caixeiro viajante (*fonte: portal UFRJ*). Percebe-se, portanto que esse profissional apesar de todas as dificuldades já enfrentadas em sua jornada diária de trabalho, hoje ter sua profissão reconhecida e uma data para celebração é sem dúvida grandes conquistas que contribuirão com seu legado para as futuras gerações desse tipo de vendedor.

Outra contribuição desses profissionais para a sociedade foi à abertura de estradas e a estabelecimento de vilas e cidades, pois em suas longas jornadas na sua maioria os caixeiros viajantes se deslocavam em costas de mulas criando trilhas uma vez que os meios de transporte naquela época eram muito improváveis. Foram, portanto através de suas paradas onde armavam pequenos empórios e feiras de vendas deram começo a formação de vilas e futuras cidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 3.207 de 18 de julho de 1957**, que regulamenta as atividades dos empregados vendedores, viajantes ou praticistas. Diário Oficial da União - Seção 1 - 22/7/1957, Página 18069.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

DUARTE, Gilberto Escórcio. **A educação técnica em Parnaíba: a união caixeiral como sintoma do desenvolvimento econômico**, janeiro de 2009.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **Mémoire Collective**. Paris: PUF, 1950 (*Memórias Coletivas*. São Paulo: Centauro, 2006).

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade - 11ª edição Título original: "The question of cultural identity", In: S. Hall, D. Held e T. Mc Grew. **Modernity and its futures**. Politic Press/Open University Press, 1992.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

LE GOFF, Jacques. « Memória » in **Memória e História**. Campinas: Unicamp, 1990. p.423-483.

MARTINHO, Lenira Menezes. **Negociantes e caixeiros na sociedade da Independência** / Lenira Menezes Martinho e Riva Gorenstein; prefácio de Maria Odila Leite da Silva Dias. – Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993.

NORA, Pierre. “**Entre memória e história: a problemática dos lugares**”. Projeto História, São Paulo, n10, dez 1993, p.7-28.